

## Em busca de todo o Pires Laranjeira

Em algumas universidades norte-americanas, existe a tradição de um professor que se aposenta e abandona o seu gabinete deixar um envelope fechado ao futuro ocupante do espaço, contendo uma espécie de transmissão de testemunho: habitualmente, faz-se o balanço de uma vida dedicada ao ensino e tenta-se animar e orientar o ou a colega, em princípio mais jovem. Não cremos que essa coisa bonita se faça em nenhuma universidade portuguesa: temos, em vez disso (ou tínhamos, porque a tradição portuguesa vai conhecendo cada vez mais exceções) a chamada *última lição*, honra reservada a quem se jubila aos 70 anos, e espaço que às vezes é usado para uma reflexão crítica sobre o trabalho científico e pedagógico que se desenvolveu, ao passo que noutros casos serve mesmo para se dar uma derradeira lição.

A epidemia que ainda vivemos impediu que o nosso homenageado cumprisse essa última tarefa, o que talvez não tenha sido totalmente mau, uma vez que nos permitiu fazer duas outras coisas, um pouco mais amplas e, segundo cremos, mais de acordo com a sua natureza e a sua personalidade: um colóquio e a publicação onde agora reunimos a quase totalidade dos textos ali apresentados.

O colóquio decorreu de 9 a 11 de novembro de 2021, nas Faculdades de Letras do Porto e de Coimbra. A realização em dois espaços teve menos que ver com o local de trabalho dos organizadores que com circunstâncias biográficas e afetivas de Pires Laranjeira: no Porto ou nos seus arredores, viveu parte significativa da sua vida, aí tendo também estudado (inclusive na sua Faculdade de Letras) e trabalhado; em Coimbra, ensinou durante quarenta anos, ao longo dos quais conseguiu criar e consolidar a área das literaturas e culturas africanas de língua portuguesa, formando gerações sucessivas de estudantes, portugueses e de outras nacionalidades – ao nível da licenciatura, mas também do mestrado e do doutoramento.

O título do encontro, *70x2: da 'Mensagem' de Luanda à mensagem de Pires Laranjeira*, anunciava com clareza o seu objetivo: a celebração de dois septuagenários, o da revista *Mensagem* (fundada em 1951) e o de Pires Laranjeira (nascido no ano anterior), sublinhando-se assim a ligação epistémica, ideológica e afetiva do homenageado à geração angolana da efémera publicação. É verdade, como nos foi aliás notado, que a ordem dos fatores parece estar errada: deveria ser 2x70, em lugar de 70x2. Mas, como sabemos, a ordem dos fatores não altera o produto da multiplicação. Além disso, tratava-se de reescrever uma passagem do Evangelho de Mateus, frisando bem que Pires não é Pedro.

Creemos que os objetivos do evento foram plenamente atingidos, uma vez que o colóquio conseguiu sê-lo no sentido etimológico da palavra, funcionando como um espaço de conversa e de partilha. Partilha de saberes sobre literaturas africanas, e em particular sobre literatura angolana. Mas partilha também de experiências pedagógicas de ensino da literatura e de gosto pela palavra e pela poesia. E partilha de afetos entre gente que, presencialmente ou à distância, vinha de espaços diversos de Portugal, de Angola, do Brasil – os lugares onde são mais fortes as marcas do legado de Pires Laranjeira – mas também da Croácia, da França e da Itália. A presença de um número significativo de colegas e antigos alunos e alunas entre a assistência sublinhou de modo inequívoco a necessidade desse momento, que seria complementado com duas outras homenagens: a atribuição, por parte da Fundação Dr. António Agostinho Neto, da Ordem Sagrada Esperança, com a entrega, na sessão do Porto, da medalha e diploma respetivos; a outorga, pela Embaixada de Angola em Lisboa, de uma distinção – constituída por um diploma e por uma salva de prata – como reconhecimento do trabalho de Laranjeira em prol de Angola, da sua literatura e da sua cultura.

Quanto à publicação que agora vem a lume, ela reúne a quase totalidade das comunicações apresentadas no colóquio de 2021. Abre com um texto do novel jubilado, *O conteúdo desse continente: homenagem*, em que o seu autor faz um balanço de um trabalho de meio século no campo das literaturas africanas *dos Cinco*, sem nunca cair no autoelogio ou no autocomprazimento. Pelo contrário: Pires Laranjeira aproveita a oportunidade para reverter a homenagem, recordando os seus mentores e rendendo preito aos seus companheiros de ofício, não deixando de sublinhar que a luta não está ganha e que os obstáculos não desaparecem, apenas se transformam.



Entrega da Ordem Sagrada Esperança pelo Administrador da Fundação Dr. António Agostinho Neto, no âmbito do colóquio 70x2: da 'Mensagem' de Luanda à mensagem de Pires Laranjeira.

O Embaixador de Angola em Lisboa, Dr. Carlos Alberto Fonseca, entrega a Pires Laranjeira uma distinção que reconhece o seu trabalho em prol de Angola, da sua literatura e da sua cultura. A cerimónia ocorreu a 9 de setembro de 2022, na Faculdade de Letras do Porto, no âmbito do colóquio “*Sou um dia em noite escura*”: Centenário de Agostinho Neto (1922-2022)



Segue-se um conjunto de seis testemunhos, assinados por escritores e colegas da academia, brasileiros, angolanos e portugueses, unânimes no reconhecimento do pioneirismo e da envergadura da obra ensaística e docente, e ainda na proclamação do talento poético e da dádiva superior da amizade como traços essenciais de Laranjeira.

O maior grupo de textos é constituído por ensaios, subscritos por professores de Portugal, Angola, Brasil, França, Croácia, Alemanha e Itália, uns colegas, outros antigos alunos e alunas de Pires Laranjeira, unidos na amizade e

no apreço pelo trabalho desenvolvido a favor de uma causa comum. Alguns deles abordam particularmente a obra científica do autor de *Literatura Calibanésca*, destacando o manual que elaborou para a Universidade Aberta em 1995, em colaboração com Inocência Mata e Elsa Rodrigues dos Santos: é o caso dos artigos de Ana T. Rocha e Solange Evangelista M. Luis, este último a partir de uma experiência pedagógica no Lubango. Também de prática pedagógica, desta feita no ensino secundário, nos fala Catarina Isabel Silva Rodrigues, que chama a atenção para a necessidade de revalorizar e requalificar, em Portugal, o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa. Por outro lado, as Professoras Majda Bojić, Maria Nazareth Soares Fonseca, Rita Oliveri-Godet, Pauline Champagnat, Barbara dos Santos e Doris Wieser abordam o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa nos seus respetivos países, enfatizando algumas delas a importância de Pires Laranjeira para a afirmação da área, fosse através da bibliografia que produziu, fosse por meio da sua atuação como professor, formador, orientador ou conferencista.

Outras facetas do trabalho do homenageado são contempladas nos artigos de Andreia Oliveira e Jane Tutikian: a primeira fala de um projeto científico que ele coordenou no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, ao passo que a Professora brasileira analisa, sob a ótica da pós-utopia, o livro de poemas de Laranjeira *O vento que passa*.

Mas os textos que mais fundamentam *o mito Pires Laranjeira* e se aproximam da sua *vida verdadeira* são os de António Jacinto Pascoal e Lola Geraldes Xavier. Estruturados e redigidos com fina sensibilidade, analisam com funda inteligência a totalidade da obra de Laranjeira, que consideram inseparável da respetiva vida. Uma obra que vai muito além dos estudos africanos, como escreve António Jacinto Pascoal:

A sua obra literária, quase sempre submersa pela barreira da ensaística, nas suas vertentes literária, sociológica, política, intelectual e afectiva (aqui, no mais temperamental sentido do termo), acompanhou incursões de expressão plástica (escultura, pintura e desenho). E a questão, com toda a sua brutalidade, surge: é somente um exegeta aquele cuja existência empírica afirma o seu vínculo iniciático com as artes plásticas, o jornalismo, a poesia?

Trata-se de uma obra que tem nos estudos africanos a sua causa maior, afirmada contra ventos e marés – sempre em maior número que os marinheiros, como observa o mesmo autor noutra passagem:

Trinta anos depois, a História deu razão a Laranjeira, quando, pelas fortes contingências da academia, se percebeu que, apesar do declínio do estudo das cinco literaturas africanas de língua portuguesa, foram elas, entretanto, que mantiveram cursos de mestrado evitando a sangria institucional da Universidade, concorrendo ainda para uma curiosa renovação camaleónica de alguns agentes de ensino, desesperadamente colados à tábua de salvação africana, pela qual compareceram à chamada da notoriedade, travestindo-se na vaga dos estudos pós-coloniais, e sustentaram ensaios, edições, departamentos e centros de estudo, além da cadeira de carvalho onde decididamente assentaram as nalgas, e o próprio emprego. *Nihil novi sub sole*. Pires Laranjeira assistiu a tudo isto nas barbas do bando.

Como ficou dito, o colóquio de 2021 assinalava também a passagem do 70.º aniversário da revista *Mensagem*, tema que serve de base a diversos artigos do presente volume: Fabíola Guimarães Pedras Mourthé, que considera conjuntamente a publicação luandense e a *mensagem* de Pires Laranjeira, Silvia Brunetta e Francisco Topa, ao passo que Carmen Lucia Tindó Secco se detém na análise das ressonâncias da figura mais representativa dessa geração, Agostinho Neto, na poesia angolana contemporânea.

O volume contém ainda artigos sobre outras temáticas, designadamente o de Luís Kandjimbo, sobre o herói épico autoexistente nas literaturas orais africanas, e o de Inocência Mata, a propósito da materialidade histórica da escrita da nação na literatura angolana.

O livro encerra com o *Catálogo da Exposição Bibliográfica José Luís Pires Laranjeira*, elaborado por Maria do Carmo Ferreira Dias, técnica superior da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A exposição esteve patente no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra na semana do colóquio, em 2021.

Resta-nos esperar que esta modesta homenagem tricontinental atraia mais leitores para a obra de Pires Laranjeira e mais operários para a messe da causa das literaturas africanas. Nesta área, continua a haver muitos “caminhos que ninguém pisou”, como reza o primeiro verso do poema “Sombras”, de Agostinho Neto, o mesmo que encerra com o verso que deu título a este volume: *Em busca de todas as áfricas do mundo*.

*Francisco Topa e Doris Wieser*